

Sobre fontes e arquivos: o repertório para investigar Júlia Lopes de Almeida

On sources and Archives: the repertoire to investigate Júlia Lopes de Almeida

Gabrielle Carla Mondêgo Pacheco Pinto¹

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

RESUMO

Este trabalho busca tensionar as fontes utilizadas em uma pesquisa de doutorado em andamento, na qual a trajetória intelectual da escritora carioca Júlia Lopes de Almeida é evidenciada, e suas relações com os respectivos arquivos que as guardam. Desta maneira, respeitada a natureza da pesquisa histórico documental, observaram-se os documentos eleitos, a exemplo das cartas, das fotografias, e sobretudo, dos periódicos. A metodologia adotada percorre os estudos desenvolvidos por Burke (2011), Ginzburg (2007) e Almeida (2021), ao passo que Martins e De Luca (2018), De Luca (2020), Nadaf (1993), Machado (2017) e Fanini (2016) compõem o referencial teórico. Ao tratar de fontes diversas, a constituição de um repertório tornou-se essencial para o desenvolvimento desta pesquisa que pretende integrar os estudos que tomam os arquivos como via de constituição da historiografia da educação e, ainda, aqueles que investigam a história da imprensa e a história das mulheres no Brasil.

Palavras-chave: Arquivos. Júlia Lopes de Almeida. Periódicos.

ABSTRACT

This paper intends to investigate the sources used in an ongoing doctoral research, on which the intellectual trajectory of Júlia Lopes de Almeida - a writer from Rio de Janeiro - , is highlighted, and the relations between the archives that hold them. In this way, considering the substance of the historical documentary research, the documents selected - such as the letters, the photographs and, predominantly, the periodicals - were observed. The methodology adopted includes the studies of Burke (2011), Ginzburg (2007) and Almeida (2021), whereas Martins and De Luca (2018), De Luca (2020), Nadaf (1993), Machado (2017) and Fanini (2016) are used as theoretical background. Due to the existence of diverse sources, the constitution of a repertoire has become essential to the development of the research. This work attempts to integrate the studies on archives and their relation with the historiography of education; and those that investigate the history of the press, besides the history of women in Brazil.

Keywords: Archives. Júlia Lopes de Almeida. Periodicals

RESUMEN

Este trabajo tiene como objetivo valerse de las fuentes empleadas en un investigación de doctorado en fase de desarrollo, en la cual se evidencia la trayectoria intelectual de la escritora carioca Júlia Lopes de Almeida. Paralelamente, se establecen las relaciones de dichas fuentes con los respectivos archivos que las guardan. De este modo, respetándose la naturaleza de la investigación - de cuño histórico y documental - fueron observados los documentos seleccionados, a ejemplo de las cartas, fotografías y, principalmente, de los periódicos. La metodología adoptada se basa en los estudios realizados por Burke (2011), Ginzburg (2007) y Almeida (2021), al paso que Martins

¹ Doutoranda em Educação (ProPEd/ UERJ), bolsista CAPES - Proex e membro do Grupo de Pesquisa Infância, Juventude, Leitura, Escrita e Educação (GRUPEEL) (FAPERJ/ CNPQ/UERJ), coordenado pela Professora Dra. Márcia Cabral da Silva. É ainda Professora de Língua Inglesa da Secretaria Municipal de Educação da cidade do Rio de Janeiro (SME-RJ). E-mail: gabimondego09@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-2615-2390>

y De Luca (2018), De Luca (2020), Nadaf (1993), Machado (2017) y Fanini (2016) constituyen el referencial teórico. Al tratar de fuentes diversas, componer un repertorio se volvió esencial para el desarrollo de esta investigación, que tiene la intención de integrar los estudios que toman los archivos como vía de constitución de la historiografía de la educación y, todavía, aquellos que investigan la historia de la imprenta y la historia de las mujeres en Brasil.

Keywords: Archivos. Júlia Lopes de Almeida. Periódicos.

INTRODUÇÃO

Muito embora o século passado tenha sido marcado pela proposição de novas formas de se pensar e fazer história, em especial pelas empreitadas da 3ª geração da Escola dos *Annales*, o fazer histórico do pesquisador ainda carece de precauções e investimentos diversos, a exemplo do tratamento minucioso e imparcial das fontes eleitas ou da necessidade de uma abordagem recortada a um determinado tempo-espaço.

Nessa lógica, o papel dos arquivos é de suma importância para a historicização de um determinado tempo, espaço ou indivíduo, uma vez que reúnem, guardam, organizam e preservam diversos materiais que muitas vezes são objeto e fonte da pesquisa histórica. Para o campo da história da educação, convém ressaltar que esses locais abrigam documentos caros à historiografia, compreendendo não apenas os textos tidos como oficiais – livros didáticos, compêndios escolares, etc. – mas também outros documentos fora do espaço escolar, que podem ajudar a entender as representações coletivas de um determinado tempo.

Desta maneira, entendemos que as cartas pessoais, as fotografias e os periódicos podem também constituir-se fonte fecunda para se pensar a história da educação de um grupo. Para este trabalho, propomos pensar os arquivos que deram origem às fontes de uma pesquisa em andamento, na qual a escritora carioca Júlia Lopes de Almeida é sujeito-objeto, e a relação dessas fontes com seus locais de guarda.

Os documentos eleitos correspondem a quatro arquivos diversos, a saber: Arquivo Múcio Leão, localizado na Academia Brasileira de Letras (ABL); Hemeroteca Digital Brasileira da Fundação Biblioteca Nacional (FBN); Arquivo Público do Estado de Mato Grosso (APMT) e Arquivo Pessoal da Professora Yasmin Nadaf (AYN), localizado também em Mato Grosso. Importante ressaltar que, devido às circunstâncias sanitárias atuais, o acesso a estes locais de forma presencial ainda não foi possível, o que impossibilita, de certa forma, o alargamento do repertório constituído para a pesquisa.

Como metodologia, este artigo debruça-se nos estudos desenvolvidos por Burke (2011) a respeito do cruzamento de fontes, já que, a partir dessa chave analítica, é possível tencionar as

fontes sem, contudo, tomá-las como *verdade*² única; Ginzburg (2007) e o conceito de “verdadeiro, falso e fictício”, haja vista o caráter cultural das fontes selecionadas. Em Almeida (2021), especialmente no que se refere aos arquivos pessoais como via possível (e desejável) de constituição da historiografia da educação, uma vez que guardam “tesouros” da memória coletiva de um tempo.

O referencial teórico compreende parte³ dos estudos empreendidos para o desenvolvimento da pesquisa, dos quais pode-se destacar: Martins e De Luca (2018), e os debates acerca da história da imprensa no Brasil; De Luca (2020), sob o qual é possível compreender os percursos da operação historiográfica; Nadaf (1993), que organiza e cataloga uma das fontes preteridas – *A Violeta* -; Machado (2017) e Fanini (2016), que apresentam e descrevem os arquivos de Júlia Lopes de Almeida alinhados aos apontamentos biográficos e bibliográficos da escritora.

A partir das questões apresentadas, propõe-se a organização deste texto em três seções. A primeira apresenta uma síntese da pesquisa, estabelecendo seus eixos principais; a segunda salienta os arquivos nos quais as fontes para a pesquisa foram encontradas e as relações entre os dois; e a última, discute o repertório criado a partir dos documentos eleitos.

Por fim, este trabalho busca a inserção nos estudos que tomam os arquivos como objeto, para além da história da imprensa feminina no Brasil e da historiografia da educação.

Conhecendo a pesquisa: eixos principais

Atualmente em fase de composição de capítulo, a pesquisa que toma Júlia Lopes de Almeida como objeto de estudo tem suas origens ainda no Mestrado. A partir das fontes disponíveis à época – quando investigou-se um impresso infantil de autoria de Francisca Júlia da Silva (1871-1920) - , foi possível observar, brevemente, a projeção de Júlia Lopes de Almeida no cenário literário nacional do início do século passado e constatar sua ampla⁴ produção bibliográfica e colaboração com a imprensa.

Dito isto, a pesquisa partiu da premissa de que Júlia Lopes de Almeida e sua bibliografia podem constituir-se em objeto caro à historiografia da educação brasileira, já que sua obra, multifacetada, inclui livros infantis, romances, contos, peças teatrais, ensaios, entre outros. Desta maneira, o investimento da pesquisa, inserida no campo da história da educação, buscou elementos

² Em referência ao que LeGoff (1990) postulou como documento/monumento e as relações possíveis entre as fontes e o historiador.

³ Nos limites deste breve estudo, os referenciais são tomados como principais não perdendo de vista, contudo, os demais estudos que vêm possibilitando o desenvolvimento da pesquisa em tela.

⁴ Em comparação com outras escritoras de seu tempo, Júlia Lopes é a com o maior número de obras publicadas, como indica a historiografia.

que pudessem recortar a produção escrita de Júlia Lopes de Almeida de acordo com os objetivos do campo.

Nesse sentido, a revista feminina de origem mato-grossense *A Violeta* ganhou destaque. Publicada ao longo de 3 décadas de forma praticamente ininterrupta, a revista, uma ação concreta do Gremio litterario Julia Lopes (1916-1950), agremiação composta por mulheres da elite cuiabana, tinha como figura homenageada e patrona a escritora carioca. A partir da observação deste impresso, foi possível recortar a pesquisa, que assumiu a imprensa como pano de fundo.

Escritora, cronista, dramaturga, feminista, “uma das personalidades mais fascinantes dos anos que compreendem o final do século XIX e o início do século XX.” (ALMEIDA, 2019, *Prefácio*), Júlia Valentina da Silveira Lopes de Almeida nasceu em 24 de setembro de 1862, na cidade do Rio de Janeiro. Já aos 19 anos publicou suas primeiras crônicas no periódico *Gazeta de Campinas* (1869-1875).

Ao longo de quase 5 décadas de produção escrita, Júlia Lopes contabiliza algo em torno de 30 livros, entre romances, contos, manuais, livros infantis, peças de teatro, conferências, ensaios e uma novela. Sua primeira obra, *Contos Infantis*, escrita em parceria com a irmã Adelina Lopes Vieira é publicada ainda no final do século XIX, aos 25 anos.

Reconhecida por sua notável colaboração com a imprensa periódica, Júlia Lopes de Almeida apresentou uma produção multifacetada: colaborou com periódicos femininos dos mais diversos; assinou por mais de 20 anos uma coluna em um dos jornais de maior prestígio no país, *O Paiz*; e fundou, em parceria com Cassilda Martins, o periódico *Nosso Jornal* (1919-1920).

Para além do ofício de escritora (MICELI, 2001), Júlia Lopes casou-se com o poeta português Filinto de Almeida, com quem teve 6 filhos. Desde o final do século XIX, a respeito de uma projeção positiva entre os “homens de letras”, Júlia Lopes é cotada como uma respeitável romancista e participa de forma ativa nas reuniões que antecederam a fundação da ABL, sem, no entanto, tornar-se acadêmica. Os lucros obtidos com as edições de um de seus romances - *A Falência* (1901)- contabilizaram, inclusive, a compra da casa em Santa Teresa (Rio de Janeiro), onde a família morou por 21 anos (TELLES, 2012).

Para o campo literário, é possível pensar nas representações coletivas de um determinado momento através da obra da escritora. Como indica Ferreira (2015), utilizar a literatura como fonte requer “interrogar a que público ela se destina e que papel cumpre nas condições sociais e culturais de uma época.” (p.74). Para a pesquisa, no entanto, sua obra impressa foi secundarizada e a imprensa foi tomada como eixo principal.

A predileção de *A Violeta* como fonte principal não se deu ao acaso. Localizado fora do eixo cultural do país à época, o periódico apresenta Júlia Lopes sob perspectivas diversas, que permitiram questionar o objeto a partir de elementos extraliterários. Segundo Magaldi e Xavier (2008), os periódicos podem constituir dispositivos de investigação de objetos educacionais quando tomamos sua dimensão educativa, como é o caso em *A Violeta*, uma revista feminina criada, produzida e financiada por mulheres.

Nessa lógica, delimitou-se a pesquisa que investiga a trajetória intelectual de Júlia Lopes de Almeida nas páginas da revista *A Violeta*, buscando as relações entre as imagens da escritora e os elementos constituintes deste impresso em forma e conteúdo; e entendendo que também a imprensa pode veicular representações coletivas e múltiplas de um determinado sujeito e tempo.

Os arquivos percorridos: territórios para investigação

A busca pelas fontes que hoje delimitam a pesquisa iniciou-se de forma ampla e geral, embora não-ocasional. Em alguns textos que compõem a fortuna crítica de Júlia Lopes de Almeida foi possível conhecer parte dos acervos que guardam suas memórias, obras, relatos e imagens. Através do trabalho de Michele Fanini (2016), evidenciou-se a Academia Brasileira de Letras como o local de guarda do espólio da escritora.

A instituição, localizada na área central da cidade do Rio de Janeiro, abriga arquivos, mobília, bibliotecas e espaços que fazem parte da memória intelectual dos brasileiros. Como dito anteriormente, Júlia Lopes de Almeida não foi acadêmica, em razão da ABL ter se estabelecido com base nos moldes franceses, os quais não permitiam mulheres entre seus membros. Contudo, seu marido, Filinto de Almeida, o foi. Como imortal, Filinto de Almeida possui arquivo próprio na casa de guarda e os documentos de Júlia Lopes hoje encontram-se associados aos do marido.

Série Júlia Lopes de Almeida

O *Arquivo Múcio Leão* da Academia Brasileira de Letras (ABL) é o local de guarda do espólio de Júlia Lopes. De acordo com Machado (2017), houve duas doações promovidas por Dr. Cláudio Lopes de Almeida, neto da escritora: uma em 2008, de documentos que se referiam ao escritor Filinto de Almeida e da filha do casal, Margarida Lopes de Almeida; e em 2010, quando o Dr. Cláudio Lopes doou o arquivo da avó, com vasta documentação que incluía cartas, jornais, fotografias, manuscritos, entre outros.

Sob a nomenclatura “Série Júlia Lopes de Almeida”, o arquivo, composto por 5 pastas, está dividido entre obras, correspondências, fotografias e periódicos. Este último, que concentra o maior número de documentos, é composto em sua maioria por recortes de jornais e revistas, dispostos em folhas de papel ofício e em folhas de papel almaço. Infortunadamente, muitos destes recortes não apresentam data ou nome da publicação.

Após visitas constantes ao arquivo e auxiliada pelos funcionários da instituição, uma espécie de catalogação foi empreendida. A princípio, as informações foram coletadas e categorizadas de acordo com os assuntos mais frequentes – vida e obra da escritora e as diversas homenagens a ela ofertadas – e, na sequência, os periódicos que publicaram sua literatura foram observados.

Através desse movimento, a revista *A Violeta* foi localizada. Duas pequenas páginas, no formato *in-folio*, datadas da década de 1930, com textos assinados por Júlia Lopes de Almeida marcaram o início da investigação que, a partir desse momento, passou a ter a imprensa dispositivo fundamental para seu desenvolvimento.

O caso de *A Violeta*

Delimitada⁵ como fonte principal, o primeiro passo para investigar *A Violeta* foi a consulta a Hemeroteca Digital Brasileira, acervo digital e gratuito⁶ disponibilizado pela Fundação Biblioteca Nacional. Do total de edições da revista, que somam mais de 350 edições, algo em torno de 200 estão disponíveis para consulta. De acordo com o recorte temporal adotado, que compreende os anos de 1920 a 1934, as edições somam 157. E, desse total, a Hemeroteca disponibiliza 79. Desta forma, foi necessária a busca por outros acervos.

A historiografia da revista, especialmente em Nadaf (1993) e Costa (2016), aponta outros locais de guarda, a saber: Núcleo de Documentação e Informação Histórico Regional de Mato Grosso (NDHIR); Biblioteca Casa Barão de Melgaço (BCBM); Casa Barão de Melgaço, que concentra os acervos da Academia Mato-grossense de Letras (AMT), Arquivo Público do Estado de Mato Grosso (APMT) e o Instituto Histórico Geográfico de Mato Grosso (IHGMT).

Diferentemente do arquivo da FBN, essas casas de guarda não possuem acervo digital. Portanto, a consulta às revistas faltantes precisaria ser de forma presencial, o que não foi possível devido às circunstâncias sanitárias as quais vivemos desde o início do ano retrasado e aos consequentes protocolos impostos.

⁵ Após a análise preliminar de sua projeção no cenário da imprensa feminina e do estado da arte, sobretudo.

⁶ Alguns periódicos- especialmente aqueles que tiveram vida pregressa – ainda são detentores dos direitos autorais de seus conteúdos e, por esta razão, não permitem a cópia de suas páginas.

Por isso, traçou-se outra estratégia – a comunicação virtual com alguns dos estudiosos de Júlia Lopes de Almeida e de *A Violeta*. Nessa empreitada, foi possível ter acesso à boa parte do acervo da Professora Yasmin Nadaf (AYN), que compreende um número bastante expressivo de edições, aproximando-se de sua totalidade; e ainda à algumas edições do Arquivo Público do Estado de Mato Grosso, que disponibilizou os arquivos em formato PDF.

Após a junção das edições disponíveis nesses três acervos, foi possível alcançar um total de 103 edições. Desta forma, iniciou-se o processo de constituição do repertório da pesquisa, que buscou concatenar o objeto – Júlia Lopes de Almeida – às fontes encontradas na ABL e as edições levantadas de *A Violeta*. Sob este aspecto, convém sublinhar o cruzamento de fonte como um movimento essencial para a pesquisa histórica, ainda que este cruzamento se dê sobre, para e de um mesmo objeto.

MODELANDO AS FONTES: A CONSTITUIÇÃO DO REPERTÓRIO

Como uma das etapas primordiais para a construção da narrativa histórica, a constituição do repertório de pesquisa se dá a partir da(s) múltipla(s) (ou não) combinações entre os dados levantados quando na pesquisa de fontes. São esses encadeamentos os responsáveis por boa parte do desenvolvimento do processo cognitivo do historiador na elaboração do texto.

A historiadora Tânia de Luca (2020, p.77) indica que a seleção e organização não podem e nem devem ser ao acaso, uma vez que “a mera acumulação de dados, além de ineficaz, pode gerar sensação de desalento diante de elementos desconexos, que pouco contribuem para gerar reflexão e crítica”. De outra maneira, é preciso inquirir as fontes, atentando a suas vozes e silenciamentos; à materialidade, ao conteúdo, à forma e às representações sociais e culturais nelas contidas.

Em se tratando de um sujeito-objeto tal qual Júlia Lopes de Almeida, de quem já se investigou e produziu um expressivo número de pesquisas históricas, a tarefa de delimitar as questões norteadoras e recortar as fontes tornou-se um desafio. São muitas e diversas possibilidades frente a esse objeto potente: sua biografia, a gênese de sua obra, sua literatura, as representações femininas, a estética de seu trabalho, o feminismo em seus livros, sua atuação na imprensa, sua contribuição para a dramaturgia, entre outras.

No entanto, a observação de sua trajetória intelectual mostrou-se um caminho exequível para a pesquisa, já que pode, em certa medida, concentra boa parte das entradas citadas anteriormente. Isto é, a trajetória intelectual é desenhada através da sua biografia, sua produção bibliográfica, suas relações com a imprensa e sua projeção no campo literário. Sendo assim, a constituição do repertório priorizou três focos principais: escritos biográficos, literatura e imprensa.

Para observar sua biografia, os relatos – pessoais e da família da escritora, as cartas, a fortuna crítica; para a literatura, as próprias publicações e a imprensa, que muito divulgou suas obras; e para observar sua atuação na imprensa, *A Violeta* – fonte principal – e outros periódicos⁷ importantes do período.

Investigar a trajetória intelectual de Júlia Lopes requereu um investimento significativo na documentação a respeito de sua vida, ainda que boa parte desses documentos sejam fontes não-oficiais⁸. A este respeito, Dosse (2015, p.16) ressalta: “Cumpre cortar na carne viva, fazer escolhas drásticas e dolorosas, aceitar as falhas, as lacunas na documentação e preenchê-las com a dedução lógica ou a imaginação...é o instante da escrita.”

Ademais, Almeida (2021) defende a ideia da “musealização” dos documentos ao tratar de arquivos de memórias. Nesse sentido, dar vozes a esses documentos pode corresponder a uma espécie de testemunho da história. Assim, os relatos sobre Júlia Lopes ganharam nova perspectiva e foram promovidos a fontes confiáveis nessa pesquisa.

Diferentemente de outros estudos que investiram em Júlia Lopes considerando a cronologia, na pesquisa em lume o tempo é tomado não como fio condutor, mas sim como um catalisador. Assim, os rastros, os vestígios da vida da escritora, como propõe Ginzburg (2009) ao pensar a construção da narrativa ficcional, são organizados em uma espécie de colcha de retalhos, da qual a costura é inevitável.

Para recortar os ditos e não ditos sobre e de Júlia Lopes em *A Violeta*, foi necessário a elaboração de um catálogo, que buscou intercruzar os documentos selecionados com os eixos norteadores da pesquisa. Desta forma, os diversos documentos de e sobre Júlia Lopes puderam ser conjugados e originaram novos⁹ documentos, que circunscrevem sua trajetória de vida, a literatura por e sobre Júlia produzida e seu reconhecimento na imprensa.

Através da concatenação das fontes diversas é possível esboçar a trajetória intelectual de Júlia Lopes de Almeida nas páginas da revista *A Violeta*. Considerando a imprensa como uma via concebível de educação não-formal, os ditos, não ditos e ditos em primeira pessoa sobre Júlia Lopes de Almeida parecem ir ao encontro dos princípios e intencionalidades de *A Violeta*, especialmente no que se refere à educação das mulheres cuiabanas do período recortado.

⁷ A exemplo de *O Paiz*, *Revista da Semana*, *A Noite*, *Correio da Manhã*, ente outros.

⁸ Em referência às cartas pessoais, relatos da família ou escritas de si.

⁹ No sentido de se tratar de diferentes abordagens para os documentos, ainda que modificações concretas não possam e nem devam ser feitas em fontes históricas. Essa conjugação de documentos insere-se na perspectiva de cruzamento de fontes históricas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A natureza da pesquisa histórico-documental demanda certos investimentos por parte do historiador, muitas vezes epistemológicos. Constituir um repertório de pesquisa requer não apenas um profundo conhecimento da fonte, mas também o cotejamento dela com outra(s), intentando o significativo processo de cruzamento de fontes.

Os arquivos, como locais de guarda dessas fontes podem constituir também uma via de investigação para a historiografia da educação, uma vez que recebem, organizam, guardam, colecionam e compartilham seus “tesouros”. Cabe ao historiador da educação a tessitura de uma narrativa histórica que dê conta não apenas de responder às questões levantadas pela pesquisa, mas também permitir que a pesquisa se institua em um “novo documento”.

A investigação a respeito da trajetória intelectual de Júlia Lopes de Almeida na revista feminina cuiabana *A Violeta* permite pensar a escritora considerando sua vida, obras e projeções na e para a imprensa. A relação entre os arquivos que guardam Júlia Lopes e as fontes neles encontradas fazem alusão à sua vida e produção intelectual, catalogados por assunto, ao passo que os arquivos que concentram *A Violeta* organizam-se, a priori, em pastas cronologicamente datadas. Assim, pensar nos arquivos detentores das fontes da pesquisa em andamento é, também, uma possibilidade do “fazer histórico”.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Júlia Lopes. **A falência**; prefácio de Luiz Ruffato. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2019.
- ALMEIDA, Dóris Bittencourt. **Percursos de um Arq-Vivo : entre arquivos e experiências na pesquisa em história da educação** – 1. ed. – Porto Alegre: Editora Letra1, 2021.
- BURKE, Peter (Org). Tradução de Magda Lopes. **A escrita da história; novas perspectivas**. São Paulo: Editora UNESP, 2011.
- DE LUCA, Tânia de. **Práticas de Pesquisa em História**. São Paulo: Contexto, 2020.
- DOSSE, François. **O desafio biográfico: Escrever uma vida**. 2ª edição. São Paulo: EdUSP, 2015.
- FANINI, Michele Asmar. **A (in)visibilidade de um legado: seleta de textos dramaturgicos inéditos de Júlia Lopes de Almeida**. São Paulo: Intermeios; Fapesp, 2016.

PINTO, Gabrielle Carla Mondêgo;

FERREIRA, Antonio Celso. A fonte fecunda. *In*: PINSKY, Carla Bassanezi; De LUCA, Tânia Regina. **O historiador e suas fontes**. São Paulo: Contexto, 2015. p.61-91.

GINZBURG, Carlo. **O fio e os rastros: verdadeiro, falso, fictício**. tradução de Rosa Freire d'Aguiar e Eduardo Brandão. São Paulo: Companhia das letras, 2007.

LE GOFF, Jacques. "**Documento/monumento**". **História e memória**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990, p. 462-478.

MACHADO, Eliza Salgado de Aguiar. **Arquivos Pessoais: Implicações teóricas e a organização do Arquivo Filinto de Almeida**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Arquivologia) - Instituto de Arte e Comunicação Social – Universidade Federal Fluminense.– Niterói: UFF, 2017.

MAGALDI, Ana Maria Bandeira de Mello; XAVIER, Libânia Nacif. **Impressos e história da educação: usos e destinos**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2008. p.111-126. MICELI, Sérgio.

MARTINS, Ana Luzia; De LUCA, Tânia Regina de. **História da Imprensa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2018.

MICELI, Sérgio. **Intelectuais à brasileira**. São Paulo: Companhia das letras, 2001.

NADAF, Yasmin Jamil. **Sob o signo de uma flor**. Rio de Janeiro: Sette Letras, 1993.

TELLES, Norma. **Encantações. Escritoras e Imaginação Literária no Brasil, de Norma Telles**. São Paulo: Intermeios, 2012.

Submetido em: 30 de jan de 2022.

Aprovado em: 14 de fev de 2022.

Publicado em: 30 de abr de 2022.